



umanitas

73

FRAZIER, Françoise, *Histoire et morale dans les Vies Parallèles de Plutarque*, Paris, Les Belles Lettres, 2016 (2^e édition), 505 pp. ISBN: 978-2-251-32895-9.

Recensão submetida a 30/11/2017 e aprovada a 19/10/2018

Aqueles que acompanham, sobretudo nas últimas duas décadas, as publicações sobre a obra de Plutarco reconhecem, facilmente, o extraordinário trabalho filológico que Françoise Frazier desenvolveu durante vários anos. Um dos trabalhos que melhor ilustra essa capacidade de ler e interpretar o texto plutarquiano é a obra em epígrafe, primeiro publicada em 1996 e que foi reeditada em 2016, com algumas alterações, na Collection d'Études Anciennes da conceituada editora Les Belles Lettres.

Além de uma renovada apresentação gráfica que facilita a leitura do texto e pontuais alterações de redação, bem como várias modificações nas anotações ao texto, a segunda edição apresenta outros elementos característicos que valorizam a reedição e que, por isso, merecem a nossa análise. Desde logo, realce-se a clareza de conteúdo do prefácio (pp. 7-17), em que a A. procura, por um lado, justificar os motivos desta nova edição e, por outro, refletir sobre a atualidade do tema. A publicação de vários estudos sobre as características da narrativa biográfica, a relação entre biografia e história, o programa moralizador ou psicológico, bem como a relação da narrativa com o narratário veio, de algum modo, reforçar, na perspectiva da A., a necessidade de uma leitura mais complementar e integrada da obra de Plutarco, pela relação estreita entre as biografias e os tratados morais ou mesmo por um olhar mais atento ao 'par biográfico' (em geral, pela ordem Grego-Romano) e ao efeito do paralelismo, sem se dissociarem as categorias antropológicas, políticas ou morais. Além disso, muito embora se possa encontrar um tema geral que defina um par, por exemplo a justiça é o elemento transversal e unificador do par Aristides-Catão Censor, a análise das biografias não pode omitir o relato de acontecimentos concretos e particulares, nem como em algumas situações a *arete* é determinante para o sucesso do herói e, em outras, são contingências exteriores que levam a um desfecho pouco compreensível, que, em língua grega, se exprime pelo vocábulo *tyche*. Para a A., a obra de Plutarco exige um olhar que articule a história e a dimensão moral, em proximidade com o texto. De facto, uma das principais características da obra em epígrafe é essa relação constante com o texto plutarquiano, numa

leitura que interliga as biografias e os tratados morais, ainda que o título pareça circunscrever o teor do livro às *Vidas Paralelas*.

Uma das novidades desta segunda edição é o apêndice final com dois textos: “*Bios et historia. L’écriture biographique dans les Vies Parallèles*” (pp. 381-404) e “*Histoire et Exemplarité. Les «Hommes de Plutarque»*” (pp. 405-421). Nestes dois textos, a A. procura demonstrar como os limites entre os géneros biográfico e historiográfico são ténues. De origem desconhecida, a biografia é um género flexível, que foi sendo modelado ao longo dos séculos, também influenciado pelo pensamento filosófico, como é o caso das escolas estóica e peripatética. Na verdade, a escrita do *bios* cruza-se com a narrativa historiográfica, até pelo facto de o *bios* ser um dos elementos fundamentais da história. Além disso, a história não menospreza a caracterização do *ethos*, mas a biografia, por o querer enfatizar, catapulta o *ethos* para o centro da narrativa, pela forma como se detém na descrição da fisionomia moral do herói, que, naturalmente, se manifesta pela ação. Assim, como a A. realça várias vezes na sua obra, o herói ou o homem de Plutarco tem essa dupla dimensão, interior e exterior, que se materializa não só em grandes ações, mas também em particularidades, muitas vezes essenciais para completar a textura da vida humana. Pelo seu tom ético-moral, a biografia de Plutarco convida o leitor a reflectir sobre o comportamento humano, tornando-se, dessa forma, um “exercice spirituel, une aventure propre où le biographe reencontre à la fois la littérature et l’humanité, où, à travers la marge d’interprétation qu’il laisse à son lecteur et même sollicite de lui, il permet au lecteur moderne d’y trouver parfois plus même qu’il n’a voulu mettre” (p. 404). Saliente-se como a A. relaciona o *bios* – não apenas no sentido de ‘vida’, mas de ‘maneira de viver’ – com a história, a filosofia, a psicologia ou a antropologia, argumentando, com pormenor, a ideia de plasticidade do género biográfico. Por isso, defende-se que os heróis não se encaixam em meras tipologias, mas que são ‘naturezas’, por vezes ‘grandes naturezas’, com qualidades e defeitos, sujeitos aos efeitos da *tyche*. Desta forma, a escrita biográfica de Plutarco, pela variedade de formas e temas, é polifónica, procurando transmitir um ideal de civilização, percorrendo e combinando vozes ou áreas diferentes, da filosofia ao teatro, ou, em várias situações, aproximando a literatura da psicologia.

Há, ainda, outras alterações que merecem ser referidas: os vocábulos gregos surgem no original e não transliterados; em geral, o texto grego é colocado em nota de rodapé, mantendo-se a tradução no corpo do texto;

juntou-se um suplemento bibliográfico (pp. 439-446), com trabalhos publicados entre 1993 e 2013, verificando-se, nas anotações ao texto, o esforço da A. em atualizar a sua reflexão com a remissão para estudos mais recentes; tal como na primeira edição, o livro disponibiliza um *Index Locorum*, mas acrescentou-se um útil *Index Nominum*, subdividido em a) personagens e b) lugares e povos.

A obra de F. Frazier continua, parece-nos, muito atual, por vezes de leitura exigente, mesmo para o leitor que conhece bem a obra de Plutarco, mas muito estimulante por causa das interligações de significado que gera entre heróis, entre valores morais ou entre textos. Para isso, muito contribui a disposição das matérias, havendo no final de cada capítulo uma conclusão e no final de cada uma das três partes uma conclusão geral. A forma aprofundada como se discute a questão do género literário é, ainda hoje, matéria de debate, dependendo da maior ou menor valorização histórica da narrativa plutarquiana. Além disso, é digna de nota a relação que a A. estabelece entre os princípios morais do herói e a sua vocação cívica. Essa é outra dimensão, a cívica ou política, que merece análise alongada nesta obra e que demonstra como Plutarco era um *pepaideumenos* atento às circunstâncias do seu tempo, marcado pela aproximação, nem sempre pacífica, entre Romanos e Gregos. Nos três últimos capítulos, define-se o quadro das principais virtudes do herói nas biografias, realçando-se a coragem, o sentido de justiça, a temperança, a inteligência, bem como a sua civilidade ou humanidade, na relação com os outros cidadãos ou no exercício de funções de liderança política ou militar. Tal como Plutarco, Françoise Frazier não isola, na análise, o herói do seu contexto socio-político, antes reforça essa condição de homem da *polis* ou do Império. Por este conjunto de razões, merece esta obra continuar a ser lida com atenção, não só por aquilo que nos transmite, mas também pelas linhas de reflexão que suscita. De facto, Plutarco não foi apenas um biógrafo, *stricto sensu*, foi muito mais que isso, como Françoise Frazier tão bem soube compreender e nos transmitir.

JOAQUIM PINHEIRO

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

pinus@uma.pt

orcid.org/0000-0002-5425-9865

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_9